

Central de Brasília

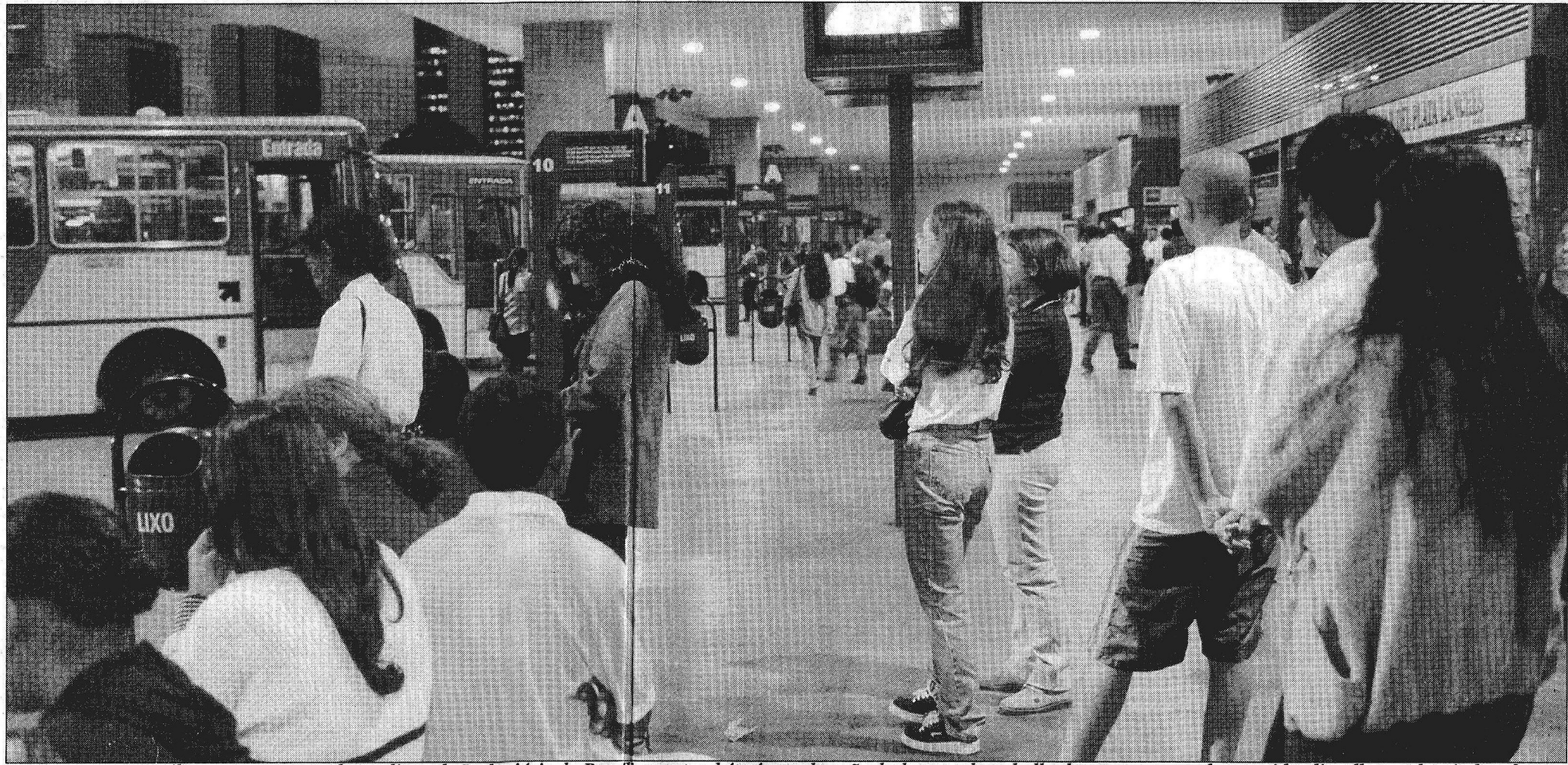
Luís Osvaldo Grossmann
Wanderley Pozzembom (fotos)
Da equipe do **Correio**

Imagine um Maracanã lotado. Multiplique por quatro. Todos os dias essa quantidade de gente passa pela Rodoviária do Plano Piloto. São 400 mil pessoas circulando entre ônibus, lanchonetes, lambelambes, loterias ou qualquer uma das 108 lojas do terminal.

Há nessa multidão, um grupo que passa a maior parte do dia na Rodoviária. São engraxates, meninos de rua, mendigos que adormecem no chão de pedra e se protegem com camisas puxadas sobre a cabeça. Há os negociantes de vales-transporte que *dominam* a parte superior do terminal mantendo a atividade que é ilegal, mas ninguém parece se importar. “É um ponto forçado em que toda essa população que mora fora entra em contato com a cidade”, definiu seu próprio criador, o arquiteto e urbanista Lucio Costa.

Não é preciso nenhum esforço para encontrar na Rodoviária moradores de todas as cidades do Distrito Federal. Eles andam sempre apressados. Vêm e vão em ônibus coloridos que realizam 3.572 saídas e 3.439 retornos para a Rodoviária todos os dias. Para quê? “Para o trabalho”, responde a maioria daqueles que passam ali nas primeiras horas da manhã. Eles voltam mais tarde, na hora de ir para casa.

Como o ajudante de pedreiro José Lopes da Silva, que mora em Pedregal e trabalha na Asa Norte. Todos os dias ele passa duas vezes pela Rodoviária, e gasta quatro horas para ir ao trabalho e voltar para casa. Enquanto espera o ônibus, devora dois



Muita gente, 400 mil pessoas passam todos os dias pela Rodoviária de Brasília que também é o ganha-pão de dezenas de trabalhadores, que concordam: a vida ali melhorou depois da reforma

pastéis e um copo de caldo de cana — que lhe custaram R\$ 1 — “para garantir a janta”, explica.

E como têm fome esses passageiros. São 15 mil pastéis e cerca de 4 mil litros de caldo de cana consumidos diariamente. “Era o triplo disso há 20 anos. Acho que naquele tempo o pessoal comia mais”, diz Fábio Sobrinho, gerente da lanchonete mais tradicional da Rodoviária, a

Pastelaria Viçosa.

Fábio saiu do Maranhão há 25 anos, trazido pela irmã mais velha. De seus 36 anos, os últimos 21 foram passados ali, no meio da zoeira incessante da Rodoviária. O emprego ele conseguiu graças a um primo, que já trabalhava ali. Durante os cinco primeiros anos, pegava no batedor das 22h às 6h. Só mudou de turno quando foi promovido para o

cargo que tem hoje.

Ele já viu muito, mas o que mais insistentemente fica na memória é do Badernaço, em 1986 (veja quadro). “Foi uma loucura. Ninguém conseguia ver nada por causa da fumaça forte. Uma hora eles derrubaram a caixa registradora, que caiu na minha perna. Só fiz salvar o dinheiro e sair correndo”, lembra.

Nem por isso deixou de gostar

muito da rodoviária. “Aqui eu conheço muita gente, é bom de trabalhar”, afirma, mas encolhe os ombros quando pensa na reforma realizada ano passado: “Pensei que ia ficar diferente, mas está melhor que antes”. Outro veterano, com 15 anos de Rodoviária, é o baleiro Manoel Modesto Silva Filho, de 40 anos. “Seu” Modesto entre os colegas. Ele concorda com Fábio. “Gos-

tei da reforma, mas parece que tem alguma coisa malfeita. Acho que foi a pressa para terminar”, arrisca. De qualquer forma reconhece que hoje é muito mais tranquilo pegar um ônibus por ali. “Antigamente não tinha esse negócio de fila, era tudo embolado para subir nos carros. Quem gostava eram os caras que aproveitavam o bolo para furtar. Hoje é organizado.”